



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
ÁREA: EMPREENDEDORISMO

**O EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: POSSIBILIDADES, PROBLEMAS E
DESAFIOS**

EDUARDO NOGUEIRA LOPES COELHO
RA 20714852

PROFESSOR ORIENTADOR: HOMERO REIS

BRASÍLIA/DF, DEZEMBRO DE 2009

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

EDUARDO NOGUEIRA LOPES COELHO

**O EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: POSSIBILIDADES, PROBLEMAS E
DESAFIOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Orientador: Homero Reis

Brasília/DF Dezembro de 2009

EDUARDO NOGUEIRA LOPES COELHO

**O EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: POSSIBILIDADES, PROBLEMAS E
DESAFIOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Homero Reis

BANCA EXAMINADORA:

Prof(a):
Examinador(a)

Prof(a):
Examinador(a)

Prof(a):
Examinador(a)

“Quem passou pela vida em branca
nuvem e em plácido repouso adormeceu;
quem não sentiu o frio da desgraça quem
passou pela e não sofreu; foi espectro de
homem, não foi homem, só passou pela vida,
não viveu.”

Manuel Bandeira

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido uma boa estrutura familiar. A minha família que esta sempre ao meu lado com grande apoio e conselhos, e ao orientador Homero Reis por todo o suporte e ajuda dado durante a estruturação deste.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 EMPREENDEDORISMO.....	15
2.1 Evolução do conceito.....	15
2.2 Vertentes de pensamento.....	17
2.3 Definições de empreendedorismo.....	20
2.4 Características do empreendedor.....	22
3 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL.....	26
3.1 Análise Histórica – Desafios e Oportunidades.....	26
3.2 Análise GEM.....	30
3.3 Pedagogia Empreendedora.....	34
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
Referências.....	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 : Desenvolvimento da teoria do empreendedorismo.....	15
Quadro 2 : Características do empreendedor.....	23
Quadro 3 : Posição do Brasil no GEM.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 : Evolução da TEA	32
Gráfico 2 : Taxa de empreendedorismo por oportunidade e por necessidade – 2001/2004	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 : Principais Linhas de Pensamento	18
--	----

RESUMO

A presente monografia busca analisar o cenário do empreendedorismo no Brasil na última década. Neste período o tema ganhou importância nacional e internacional, tendo influência direta na economia dos países e sendo objeto de estudo não só de economistas como também de diversas áreas da ciência. Atualmente o indivíduo que é considerado empreendedor já é visto como o grande homem da economia, ele irá assumir riscos tanto financeiros como psicológicos na busca por obter recompensas futuras. São eles os principais responsáveis pelas milhares de empresas criadas todos os anos no país. Para tanto, foi adotado o modelo de pesquisa exploratória, com os procedimentos de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, onde foi desenvolvido todo um material teórico buscando o entendimento maior do processo empreendedor. Também buscou se identificar características singulares do país, como o apoio do governo ao empreendedorismo, o desempenho do Brasil no GEM - Global Entrepreneurship Monitor - e o ensino do empreendedorismo nos centros de ensino do país. Deste modo, foi visto que o Brasil ainda tem muito que melhorar para chegar perto dos países em alto desenvolvimento como os Estados Unidos. Porém não se pode dizer que nada está sendo feito, pois diversos programas e ações têm sido criados, aumentando assim as oportunidades e incentivando o empreendedorismo na busca pelo desenvolvimento econômico e social.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Perfil Empreendedor. Situação no Brasil.

APRESENTAÇÃO

Esta Monografia foi desenvolvida com o intuito de aumentar o número de pesquisas acadêmicas acerca do assunto de empreendedorismo, no qual este ainda é um tema recente e pouco estudado no Brasil. Tendo este uma grande importância para o desenvolvimento dos países, este documento se ateve principalmente a real situação do Brasil na ultima década com relação ao empreendedorismo.

Esta pesquisa teve como orientador o Professor M. Sc. Homero Reis Barbosa, e é requisito para a obtenção do título de graduação em Administração.

A Monografia está dividida em cinco capítulos:

- 1º – Introdução: Esta parte irá apresentar os objetivos gerais e específicos que foram estudados na pesquisa, o problema que se buscou responder, a metodologia utilizada na coleta de dados e a justificativa para a escolha do tema.
- 2º – Conceitos e Teorias do empreendedorismo: Este será o corpo desta pesquisa, onde irá mostrar os conceitos e teorias relacionados ao empreendedorismo.
- 3º – Análise do Brasil: Neste serão analisados os dados da pesquisa GEM, além de identificar no País os problemas e oportunidades acerca do assunto.
- 4º- Análise e Discussão: Neste o problema da monografia será discutido junto á teoria apresentada e a minha opinião.
- 5º - Considerações Finais: Nas considerações serão apresentadas as conclusões retiradas de todo o estudo bibliográfico.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um tema que vem ganhando muito espaço desde a última década, o grande interesse nacional e internacional reflete a grande importância desta área na economia dos países. A abertura de milhares de empresas todos os anos deve-se em grande parte aos empreendedores, que assumindo riscos e realizando ações inovadoras e transformadoras, se vêem inseridos em um ambiente social, econômico e político. (FISCHER, 2008)

Estes empreendedores, segundo Chiavenato (2008) são pessoas que tem a iniciativa de operar um negócio para realizar um projeto pessoal assumindo os riscos e inovando continuamente. Não são simplesmente geradores de riqueza e provedores de produtos e serviços. Estes são importantes personagens do mundo dos negócios, onde geram empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico (CHIAVENATO, 2008). Esse conjunto de fatores associados à grande necessidade de geração de riqueza mantém o tema como atual, e só faz aumentar o interesse em pesquisas e estudos sobre o empreendedorismo (FISCHER, 2008).

Apesar de todos os estudos e pesquisas que se têm realizado, ainda não foi elaborado um conceito que seja aceito por todas as áreas interessadas no assunto. Há poucos anos, o empreendedorismo era um tema limitado ao conceito da economia, focado apenas na geração de riqueza a partir da transformação de recursos escassos (HISRIC, 2004). Agora, diversas áreas das ciências humanas e sociais já têm um foco voltado para o empreendedorismo, onde desenvolvem considerações fundamentadas na psicologia e na sociologia. Essa contribuição de diferentes áreas é a principal causa da variação de definições para o termo, e, por conseguinte do conteúdo. Ainda assim, a definição mais aceita sobre empreendedorismo vem do enfoque econômico, representada por autores como Cantillon, Say e Schumpeter (FISCHER, 2008).

No Brasil o cenário não é muito favorável para os empreendedores, analistas chamam atenção para o ambiente perverso no qual os empreendedores brasileiros têm que atuar, caracterizado por falta de acesso ao crédito, ausência de políticas governamentais e normas sociais e culturais pouco favoráveis (SIQUEIRA, 2006). No

entanto, segundo uma pesquisa do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) sobre empreendedorismo realizado em 2000 em 21 países, mostrou que o Brasil é o primeiro no *ranking* de empreendedorismo, onde para cada oito brasileiros em idade adulta, um estava abrindo ou pensando em abrir um negócio. Porém uma pesquisa realizada pelo Banco Mundial mostrou que o Brasil ainda tem muito que melhorar no apoio ao empreendedor, isso porque ficou em 119ª posição em uma lista de 155 países. O estudo mostrou também que o brasileiro ao montar um empreendimento já começa pagando impostos antes mesmo de fazer qualquer negócio (MAXIMIANO, 2006). Apesar deste cenário, na ultima década o Brasil vem trabalhando para uma melhora no apoio ao empreendedor. Foram criados diversos órgãos e iniciativas para apoio ao empreendedor, como é o caso do SEBRAE e do Instituto Endeavor.

Ainda que haja todo esse interesse em estudos e pesquisas, não faltam campos para serem estudados e desafios de pesquisa. Fillion (1999 d) coloca que existem várias oportunidades de pesquisa para serem exploradas sobre o assunto. Assim, justifica-se a tentativa de ampliar esta análise para o Brasil, elaborando uma reflexão sobre o atual quadro do país.

Desta maneira, a presente monografia procura enfocar as preocupações de pesquisa e estudos, incluindo nas análises do empreendedorismo, novas dimensões que possam contribuir para compreensão do fenômeno, além das questões que são usualmente abordadas e que envolvem, basicamente, as abordagens econômicas e comportamentalistas.

Nesta teve-se como objetivo geral analisar a situação do empreendedorismo no Brasil na última década; os objetivos específicos foram: Apresentar os principais conceitos que envolvem o empreendedorismo; identificar o perfil do empreendedor; avaliar o que está sendo feito pelo governo; comparar o ambiente empreendedor no Brasil com o Exterior; e analisar a atual situação do Brasil no ensino de empreendedorismo.

O problema da pesquisa deve lembrar precisamente qual a dificuldade que se pretendeu resolver (LAKATOS; MARCONI, 1991), e desta maneira o problema desta monografia pode ser assim apresentado:

“Qual a atual situação do empreendedorismo no Brasil? Possibilidades, problemas e desafios.”

O presente estudo classifica-se quanto aos seus objetivos, como pesquisa exploratória, que segundo Gil (2002) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a tornar a temática do empreendedorismo e a atual situação do Brasil mais explícito. Quanto aos procedimentos foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental.

2. EMPREENDEDORISMO

2.1 Evolução do conceito

Quando se fala em empreendedorismo, a primeira coisa que vem à cabeça são pessoas que inovam e criam empresas, porém este conceito é apenas uma pequena parte da real abrangência e importância deste tema. O empreendedorismo atualmente, além de estar inserido em diversas áreas de estudo, atua como fator influente na economia dos países e no desenvolvimento econômico e tecnológico destes. É por este motivo que de alguns anos pra cá os estudos sobre este tema tem aumentado tanto. Perguntas freqüentes como: O que é empreendedorismo? Qual o perfil dos empreendedores? O empreendedorismo é ensinado ou já nasce com a pessoa? Mostram que embora haja todo um interesse voltado para o assunto, ainda não existe uma teoria precisa sobre empreendedorismo que seja internacionalmente aceita. (MICHAEL, 2006).

Quadro 1 Desenvolvimento da teoria do empreendedorismo

Origina-se do francês: Significa aquele que está entre ou estar entre
Idade Média: participante e pessoa encarregada de projetos de produção em grande escala.
Século XVII: pessoa que assumia riscos de lucro (ou prejuízo) em um contrato de valor fixo com o governo.
1725: Richard Cantillon - pessoa que assume riscos é diferente da que fornece capital.
1803: Jean Baptiste Say - lucros do empreendedor separados dos lucros de capital.
1876: Francis Walker - distinguiu entre os que forneciam fundos e recebiam juros e aqueles que obtenham lucro com habilidades administrativas.
1934: Joseph Schumpeter - o empreendedor é um inovador e desenvolve

tecnologia que ainda não foi testada.
1961: David McClelland - o empreendedor é alguém dinâmico que corre riscos moderados.
1964: Peter Drucker - o empreendedor maximiza oportunidades.
1975: Albert Shapero - o empreendedor toma iniciativa, organiza alguns mecanismos sociais econômicos e políticos.
1980: Karl Vesper - o empreendedor é visto de forma diferente pelos economistas, psicólogos, comerciantes e políticos.
1983: Gifford Pinchot - o intra-empreendedor é um empreendedor que atua dentro de uma organização já estabelecida.
1985: Robert Hisrich - o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação econômica e pessoal.

Fonte: Robert D. Hisrich, "Entrepreneurship and Intrapreneurship: Methods for Creating New Companies That Have an Impact on the Economic Renaissance of an Area". In *Entrepreneurship, Intrapreneurship, and Venture Capital*. Ed. Robert D. Hisrich (Lexington, MA: Lexington Books, 1986), p. 96.

O termo empreendedor, segundo Hisrich (2004) foi inicialmente utilizado na Idade Média, onde este era utilizado para descrever o indivíduo ou administrador de grandes projetos de produção. Nestes projetos os participantes não estavam expostos ao risco, eles apenas gerenciavam os projetos com o capital que geralmente era fornecido pelo governo do país. O clérigo era o responsável pelas obras arquitetônicas da época, onde este era o típico empreendedor da Idade Média e provavelmente um dos primeiros a receber esta denominação. (HISRIC, 2004)

Hisrich (2004) coloca que a inerente relação do empreendedorismo com o risco desenvolveu-se no século XVII, onde o empreendedor era a pessoa que entrava em um acordo contratual com o governo para desempenhar um serviço ou fornecer produtos. Como nesta época o valor dos contratos era fixo, qualquer lucro ou prejuízo era de culpabilidade exclusiva do empreendedor. Nesta mesma, Richard Cantillon, importante economista e escritor, caracterizou o empreendedor como alguém que corria riscos, observando trabalhadores e outros proprietários individuais que compravam a um preço

certo e revendiam a um preço incerto, operando assim com o risco. Esta foi uma das primeiras teorias desenvolvidas sobre empreendedorismo, e por este motivo Cantillon é considerado por alguns como o criador do termo. (HISRICH, 2004)

No século XVIII, a pessoa que detinha capital passou a ser diferenciada daquela que precisava do capital. Melhor dizendo, o empreendedor passou a ser diferenciado daquele que na verdade é um administrador profissional de dinheiro, o investidor de risco. A industrialização foi o principal fator para essa diferenciação, neste período, grandes inovações acarretavam mudanças no mundo, como foi o caso de Thomas Edison. Ele estava desenvolvendo novas tecnologias, porém era incapaz de financiá-las. Desta maneira Edison buscava capital de fontes particulares para desenvolver seus experimentos nos campos de eletricidade e da química, se mostrando assim ser um usuário de capital (empreendedor), e não um investidor de risco. (HISRICH, 2004)

No final do século XIX, a diferenciação que se fazia necessária era entre o empreendedor e o gerente, pois estes eram visto de uma mesma perspectiva econômica (HISRICH, 2004). Finalmente, em meados do século XX, a idéia do empreendedor como inovador foi desenvolvida. Joseph Schumpeter (1934) colocou que o empreendedor é um inovador e que desenvolve tecnologias que ainda não foram testadas. Para ele, empreendedor é aquele que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem.

2.2 Vertentes de pensamento

Ainda que o empreendedorismo tenha sua origem na reflexão de pensadores econômicos do século XVIII e XIX, atualmente o seu campo de estudo é muito mais abrangente. Ciências sociais como a sociologia, a psicologia e a antropologia têm contribuído para a compreensão do empreendedorismo. (CHIAVENATO, 2008). A tabela 1 mostra as três principais vertentes do estudo do empreendedorismo: os economistas, que associam o empreendedorismo à inovação e ao desenvolvimento econômico; os behavioristas (comportamentalistas), que enfatizam o comportamento e as atitudes; e a visão dos traços de personalidade, que busca identificar determinadas características nos empreendedores.

TABELA 1 Principais linhas de pensamento

A visão dos economistas	Existe concordância entre os pesquisadores do Empreendedorismo de que os pioneiros no assunto teriam sido os autores Cantillon (1755) e Jean-Baptiste Say (1803; 1815; 1816). Para Cantillon, o empreendedor (entrepreneur) era aquele que adquiria a matéria-prima por um determinado preço e a revendia a um preço incerto. Ele entendia que, se o empreendedor obtivesse lucro além do esperado, isso ocorrera porque ele teria inovado (Filion, 1999). Desde o século XVIII, o autor já associava o empreendedor ao risco, à inovação e ao lucro, ou seja, ele era visto como pessoa que busca aproveitar novas oportunidades, vislumbrando o lucro e exercendo suas ações diante de certos riscos. Diversos economistas, mais tarde, associaram de um modo mais contundente, o empreendedorismo à inovação e procuraram esclarecer a influência do empreendedorismo sobre o desenvolvimento econômico.
A visão dos Behavioristas	Na década de 1950, os americanos observaram o crescimento do império soviético, o que incentivou David C. McClelland a buscar explicações a respeito da ascensão e declínio das civilizações. Os behavioristas (comportamentalistas) foram, assim, incentivados a traçar um perfil da personalidade do empreendedor (Filion, 1999). O trabalho desenvolvido por McClelland (1971) focalizava os gerentes de grandes empresas, mas não interligava claramente a necessidade de auto-realização com a decisão de iniciar um empreendimento e o sucesso desta possível ligação (Filion, 1999).
A visão dos traços	Ainda que a pesquisa não tenha sido capaz de delimitar o

de personalidade	conjunto de empreendedores e atribuir-lhe características certas, tem propiciado uma série de linhas mestras para futuros empreendedores, auxiliando-os na busca por aperfeiçoar aspectos específicos para obterem sucesso (Filion, 1991a). Dado o sucesso limitado e as dificuldades metodológicas inerentes à abordagem dos traços, uma orientação comportamental ou de processos tem recebido recentemente grande atenção.
-------------------------	---

Fonte: Filion (1999). In: PAIVA Jr. Fernando Gomes de; CORDEIRO, Adriana Tenório. *Empreendedorismo e o espírito empreendedor: Uma análise da evolução dos estudos na produção acadêmica brasileira*. Salvador: Anais de Enanpad, 2002.

Os dois economistas considerados como os pioneiros dos estudos sobre empreendedorismo foram Cantillon e Say, sendo este último considerado o pai do empreendedorismo. Schumpeter, economista influente no processo de definição do conceito de empreendedorismo foi o primeiro a relacionar inovação com empreendedorismo. (MAXIMIANO, 2006)

Em seu *Ensaio sobre a natureza do comércio em geral* (1755), Cantillon foi precursor ao abordar a importância do empreendedor para a economia, e é por isso que é considerado por muitos o inventor da palavra. Ele identificou o empreendedor como alguém que assume riscos ao comprar serviços ou componentes por preço certo com a intenção de revendê-los mais tarde a um preço incerto. (MAXIMIANO, 2006)

Na visão de Say a criação de novos empreendimentos acelerava o desenvolvimento econômico, e por este motivo ele ansiava pela expansão da Revolução Industrial inglesa na França. Maximiano (2007) cita o que Say retomou em seu tratado de economia política (1888).

“O que fazem os empreendedores? Eles usam sua indústria (ou seu trabalho) para organizar e dirigir os fatores de produção, de forma a atender as necessidades humanas. No entanto, eles não são apenas dirigentes. São também planejadores, avaliadores de projetos e tomadores de risco. Usando seu próprio capital, ou o que emprestam de outros, eles o transferem para os proprietários do trabalho, os recursos naturais (terra) e maquinário (ferramentas). Esses pagamentos, ou aluguéis, somente são recuperados se os empreendedores conseguem vender o produto para os consumidores. O sucesso empresarial não apenas é almejado pelo indivíduo, mas também é essencial para a sociedade. Um país com muitos comerciantes, fabricantes e

agricultores inteligentes tem maiores possibilidades de alcançar a prosperidade do que um outro que se dedique principalmente à busca das artes e da ciência.” (SAY, 1888, apud MAXIMIANO, 2007, p. 2).

Joseph A. Schumpeter, em seu livro *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942), foi o primeiro a distinguir dentro do conceito de empreendedorismo as invenções das inovações proposta pelos empreendedores. Ele colocava que os empreendedores inovavam não simplesmente pelo fato de identificar novas maneiras de utilizar as invenções, mas também pelo fato de utilizarem sua ousadia e habilidade na introdução de novas formas de organização, novos produtos e serviços e novos meios de produção. Outra distinção feita por Schumpeter foi entre o empresário e o empreendedor, onde ele considerava que todo o empresário deveria ser um empreendedor, isso pelo fato de que este último representa o lado criativo e mais importante do negócio. (MAXIMIANO, 2006)

2.3 Definições de Empreendedorismo

Hoje, o conceito de empreendedorismo pode ser facilmente encontrado em diversos livros, artigos e sites na internet que mostram a visão de diferentes autores e campos de estudo. Porém, Fischer (2008) concorda que a grande maioria destas definições é apenas um modismo que foi aceito pelo senso comum, onde ‘prende’ o empreendedor na busca por uma independência econômica pessoal.

Com o crescente interesse acerca do assunto, o empreendedorismo deixou de ser um campo de estudo exclusivo do âmbito econômico e passou a receber atenção de diversos outros campos como a sociologia, psicologia e especialistas em comportamento de gestão. Desta forma, a formulação de um conceito conciso e que seja aceito por todos os estudiosos se tornou mais complicado, isso porque os campos de estudo do tema se diferem muito no que se diz respeito as suas orientações e a geração de conhecimento. (DOLABELA, 2003)

Embora haja todo um crescente interesse a respeito do assunto, não é admirável que uma definição mais precisa não exista. Isso porque cada campo de estudo tem suas determinadas características e conteúdo, por exemplo, o enfoque econômico, que

segundo Hisrich (2004) coloca o empreendedor como alguém que combina recursos, trabalho, materiais e ativos para tornar seu valor maior do que antes. Será muito diferente do conceito da sociologia, que enfocará sua definição nos valores e comportamentos do empreendedor. Fischer (2008) coloca que essa impossibilidade na concepção de um conceito mais preciso também pode estar no fato de o empreendedorismo ainda ser um campo de estudo pouco explorado em termos de pesquisa.

O significado da palavra empreendedorismo vem do latim *imprendere*, que significa “deliberar-se a praticar, propor-se, tentar a realização de tarefa ou empresa laboriosa e difícil, de colocar em execução determinado plano ou ação” (BUENO, 1996), onde esta tem o mesmo significado que a palavra francesa *entrepreneur*, que deu origem à palavra inglesa *entrepreneurship*, que indica o comportamento do empreendedor. (MAXIMIANO, 2006)

Filion (2004) coloca que empreendedorismo pode ser considerado como uma ação para se fazer algo novo ou criativo, e algo diferente ou inovador, com o objetivo de gerar capital para os indivíduos e agregar valor para sociedade. Para Hisrich e Peter (2004, p. 29) empreendedorismo pode ser definido como:

“o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e os esforços necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação e independência econômica social.”

Ainda assim, Hisrich (2004) coloca que as definições são um pouco restritivas, já que vêm de diversos âmbitos de estudo. Desta forma para se juntar as teorias, e ter um pouco de cada campo, a seguinte definição de empreendedorismo será o alicerce desta monografia:

Empreendedorismo é o comportamento da pessoa na busca pela realização pessoal, seja ela financeira ou de satisfação. Onde esta dedicará todo o esforço necessário para obter as conseqüentes recompensas, assumindo riscos e inovando continuamente.

2.4 Características do empreendedor

A grande maioria dos estudos relacionados ao campo do empreendedorismo leva a uma tentativa de se tentar identificar as características predominantes nos empreendedores. Porém, Maximiano (2006) coloca que mesmo com os diversos estudos comportamentais sendo realizados na busca por identificar estas características, esses estudos têm mostrado traços de comportamento que se manifestam e se combinam de diferentes maneiras e em diferentes graus de intensidade, em diferentes pessoas. Peter Drucker (1987) citou que qualquer indivíduo que tenha uma decisão a tomar pode aprender a ser um empreendedor, pois na visão dele, para se tornar um empreendedor, basta ter um comportamento e não um traço de personalidade. Assim sendo, os empreendedores não podem ser caracterizados como um grupo homogêneo, pois estes assumem configurações diferentes, cada um com suas características específicas (FISCHER, 2008).

Apesar disso, a maioria das características tende para a definição do empreendedor como alguém que tem iniciativa para realizar algo novo, que seja criativo e inovador, e que seja disposto a assumir riscos. Dornelas (2005) assevera que, no mundo dos negócios, a diferença de comportamento do empreendedor com relação aos outros trabalhadores é evidente, onde estes preferem ter um chão e um teto, já os empreendedores preferem não ter nenhum dos dois. Esta idéia também está refletida na colocação de Filion (1999c) que diz que uma das diferenças entre o empreendedor e as pessoas que trabalham é que o empreendedor define o objeto que vai determinar o seu futuro.

Como pode ser visto no quadro 1, onde Dolabela (1999a;b) coloca as principais características associadas ao empreendedores por Timmons (1994) e Hornaday (1982), diversas características podem estar identificadas com os empreendedores. Porém não se deve fazer uma analogia destas com o sucesso empresarial, o fato de uma pessoa ter ou não estas características não será o alicerce no caso de sucesso ou fracasso empresarial, pois assim como colocou Filion (2000, p.18)

“as pessoas mudam segundo os contextos e as circunstâncias às quais são expostas: os perfis de comportamento não são necessariamente estáticos”.

Diversas variáveis atuam sobre a formação do indivíduo empreendedor, e estas fazem com que estes sejam muito diferentes um dos outros. A experiência de trabalho, o tempo de mercado, o nível de educação, a religião, o local de origem e a cultura familiar são exemplos de fatores que influenciam na formação distinta dos empreendedores (DOLABELA, 1999b).

Quadro 2: Características do empreendedor segundo Hornaday (1982) e Timmons (1994)

• Tem um “modelo”, uma pessoa que o influencia;
• Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização;
• Trabalha sozinho. O processo visionário é individual;
• Tem perseverança e tenacidade para vencer obstáculos;
• O fracasso é considerado um resultado como outro qualquer; aprende com eles;
• Tem grande energia e sabe concentrar esforços para alcançar resultados;
• Sabe fixar metas e alcançá-las. Luta contra padrões impostos.
• Diferencia-se e descobre nichos não ocupados por outros no mercado;
• Tem forte intuição, dando mais importância para o que faz e não para o que sabe;
• Tem alto comprometimento. Crê no que faz;
• Cria situações para obter <i>feedback</i> sobre seu comportamento e sabe utilizar tais informações para seu aprimoramento;
• Sabe buscar, utilizar e controlar recursos;
• É um sonhador realista, ou seja, sonha, mas é racional;
• É líder. Cria um sistema próprio de relação com empregados e dá liberdade;
• É orientado para resultados, para o futuro, para o longo prazo;
• Aceita o dinheiro como uma das medidas de seu desempenho;
• Tece “rede de relações” internas (sócios, colaboradores) e externas (fornecedores, clientes) como suporte para alcançar resultados;
• Conhece muito bem o ramo em que atua;
• Cultiva a imaginação e aprende a definir visões;
• Traduz seus pensamentos em ações;
• Define o que deve aprender para realizar suas visões. Preocupa-se em aprender a aprender;
• Define o que quer, aonde quer chegar, depois busca o conhecimento que lhe permitirá atingir o objetivo. É um fixador de metas;
• Cria um método próprio de aprendizagem e aprende indefinidamente;
• Tem alto grau de “internalidade”, o que significa a capacidade de influenciar as pessoas;
• Tem a crença de que pode mudar algo no mundo e que pode provocar mudanças nos sistemas em que atua;
• Assume riscos moderados, pois não é um aventureiro. Gosta dos riscos, mas

faz tudo para minimizá-los;
• É inovador e criativo. A inovação é relacionada ao produto, diferente da invenção que pode não dar conseqüência a um produto;
• Tem alta tolerância à ambigüidade e à incerteza;
• Mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios.

Fonte: Elaborado com base em DOLABELA, F. C. **O segredo de Luísa:** uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999a, p.37-38 e DOLABELA, F. C. **Oficina do empreendedor:** a metodologia do ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. (São Paulo: Cultura editores associados, 1999b, p. 71-72).

Não reduzindo a importância das outras características, mas buscando se ater nas principais e mais comumente encontradas nos estudos relacionados ao perfil do empreendedor, pode se fazer uma relação com as principais características identificadas por Chiavenato (2008) e Maximiano (2006), que estão dispostas a seguir.

- **Criatividade e Capacidade de implementação:** Assim como o próprio Maximiano (2006) coloca, muitas pessoas podem ser criativas, mas poucas são as que têm a habilidade de combinar esses dois fatores. A grande maioria das definições de perfil empreendedor cita que estes são criadores e idealizadores de coisas novas, é a essência deles.

- **Necessidade de realização:** Fillion (1999, a) menciona que empreendedor é aquele capaz de concretizar seus sonhos, como se a realidade fosse baseada em uma projeção da mente. A realização de um projeto ou objetivo pessoal, na grande maioria das vezes, irá depender de um esforço pessoal, e cada pessoa irá apresentar diferenças quanto à necessidade de realizá-los. McClelland descobriu em suas pesquisas uma relação entre os empreendedores e a necessidade de realização, onde estes apresentavam uma maior necessidade com relação às pessoas da população em geral (CHIAVENTATO, 2008)

- **Disposição para assumir riscos:** Todo empreendedor, ao começar algo novo, está depositando neste não só o seu objetivo pessoal, mas como também grande risco financeiro e psicológico. Risco financeiro pelo fato de deixar de lado uma carreira segura e definida, e, além disso, o próprio investimento deferido para o empreendimento (CHIAVENATO, 2008). E risco psicológico em caso de um fracasso do empreendimento.

- Autoconfiança: A crença em si mesmo está ligada com todas as características anteriores, no ponto que, o empreendedor só irá arriscar criar algo novo, se estiver confiante de si. A vontade de ser seu próprio patrão faz com que os empreendedores arrisquem mais, onde eles têm consciência do seu próprio valor.

Para Filion (1999a) a definição a seguir junta as principais características do empreendedor presente na literatura.

“O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor” (FILION, 1999a, p.19).

Esta abrangência de características dificulta de certa forma a caracterização do empreendedor. Porém, assim como ocorre com os líderes - que também não tem uma caracterização definida - o empreendedor também está sujeito a ter somente um perfil com comportamentos efetivos básicos, como à propensão para assumir riscos, a autoconfiança, a criatividade e a necessidade de realização.

3. EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

3.1 Análise histórica – Desafios e Oportunidades

No Brasil, até o início da década de 90, quase não se falava em empreendedorismo e em criação de novas empresas. Foi a partir deste período, com a criação de entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para exportação de software) que o movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma (DORNELAS, 2005). Segundo Dornelas (2005), antes disso o ambiente político e econômico do país não era favorável, e o empreendedor se via perdido em sua empreitada na formação de um novo empreendimento. É por este motivo que o SEBRAE, órgão que busca dar todo o suporte necessário ao pequeno empresário, é tão conhecido em território nacional. Já o histórico da Softex é bem semelhante ao do empreendedorismo no Brasil, isso porque este foi criado com o intuito de ajudar o empresário de informática, levando suas empresas de software para o mercado externo (DORNELAS, 2005).

Tendo se passado apenas 10 anos, o Brasil já se destacava em escala mundial no âmbito do empreendedorismo. Isso ficou evidente no relatório executivo de 2000 do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2000), maior pesquisa de nível empreendedor do mundo. Onde o Brasil ficou em primeiro lugar em empreendedorismo, ficando a frente dos Estados Unidos, considerados o templo do empreendedorismo (BARBOZA, 2005). Mostrando que mesmo com toda a dificuldade que o empreendedor brasileiro tem de enfrentar para iniciar um empreendimento, eles não deixam de tentar abrir seus empreendimentos.

Após a divulgação dos resultados desta pesquisa, o governo brasileiro passou a intensificar suas ações voltadas para o pequeno empresário. Isso porque eles passaram a enxergar que um bom planejamento econômico e político, aliado ao alto espírito empreendedor brasileiro, poderia gerar um alto desenvolvimento econômico e social para o país. Vale citar aqui o comentário apresentado no relatório da pesquisa GEM (2000, p. 42):

“A alta taxa de empreendedorismo no Brasil mostra que o fenômeno não é expressivo apenas em termos percentuais. Também o é em termos absolutos, o que traz consequências importantes para o dimensionamento e design de políticas e programas.”

Não seria ousadia pensar que o Brasil tem capacidade para andar junto com países como Estados Unidos e Austrália no âmbito do empreendedorismo. No passar destes anos, diversas ações têm sido tomadas para impulsionar o empreendedorismo no país. Seguem alguns exemplos citados por Dornelas (2005):

1. O programa Softex e GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informações e Serviços), criados na década de 90 e que tiveram grande influência na divulgação do tema empreendedorismo no Brasil. O Softex foi reformulado e continua em atividade.
2. O programa Brasil empreendedor, do Governo Federal, que destinou R\$ 8 bilhões para a capacitação de mais de 6 milhões de empreendedores em todo o país. O programa vigorou de 1999 até 2002 e realizou mais de cinco milhões de operações de crédito.
3. A criação do programa EMPRETEC, que visa à capacitação do empreendedor brasileiro.
4. Os diversos programas de ensino que estão sendo criados em diversos pontos de ensino do país, como o Ensino Universitário de Empreendedorismo, da CNI (Confederação Nacional das Indústrias) e IEL (Instituto Euvaldo Lodi), que busca a divulgação do empreendedorismo nas escolas de ensino Superior do país.
5. O grande crescimento de incubadoras de empresas no Brasil.
6. A grande explosão de empresas pontocom no período de 1999 e 2000, o que levou a uma criação de várias entidades de apoio ao empreendedor na internet, com cursos, palestras e até prêmios aos melhores planos de negócio de empresa.
7. A criação de órgãos de apoio ao empreendedor, como é o caso do SEBRAE, do Instituto Endeavor e da academia de Empreendedores.

No contexto de uma economia globalizada na qual o Brasil se insere, o desafio de gerar riqueza junto a um desenvolvimento econômico e social levou a uma nova visão sobre o contexto do empreendedorismo. Este agora passou a ser visto como uma grande força capaz de fazer com que as economias se desenvolvam e que novos postos de trabalho e empregos sejam criados (NETO, 2005).

Outro fator que levou a um estímulo ao empreendedorismo foi a luta contra o desemprego. Frente a este contexto, a inserção de novas tecnologias nos últimos anos levou a uma redução significativa nos postos de trabalho, e conseqüentemente houve um aumento considerável do desemprego no país.

Desta maneira, fica bastante evidente que a partir de agora - apesar da grande massa de jovens que entra todos os anos no mercado de trabalho – não se poderá mais contar com o emprego formal como elemento principal de geração de renda (BARBOZA, 2005). É neste contexto que o estímulo ao empreendedorismo se mostra uma das alternativas mais viáveis para alterar esse quadro no país. Luiz Carlos Barboza (2005) coloca da seguinte maneira o estímulo ao empreendedorismo:

“[...] Uma visão de país, fundamentada em uma cultura com foco na capacidade de empreender dos indivíduos, pode ser a resposta para a maioria das nossas dificuldades, desde que traga em seu bojo valores éticos e morais consistentes com as necessidades de se construir uma sociedade dinâmica, responsável e socialmente justa.”
(BARBOZA, 2005, P.51)

Com base nos resultados apresentados pela pesquisa GEM, os especialistas brasileiros defiram as seguintes propostas para o Brasil (BARBOZA, 2005):

- As instituições financeiras devem se adequar mais as características e peculiaridades dos empreendedores, no que se refere as linhas de crédito existentes no País.
- Prestar assessoria e auxiliar os indivíduos que saem do mercado de trabalho formal, mostrando-lhes as oportunidades e as vantagens de como gerir o próprio negócio.
- Oferecer aos empreendedores - sejam eles por oportunidade ou necessidade - orientações financeiras e técnico-gerencial.

- Os operadores de crédito, não devem apenas fazer suas responsabilidades de crédito, mas também desenvolver a função de consultor financeiro para os empreendedores.
- Os formuladores de políticas e programas devem facilitar o processo de abertura de empresas no país, diminuindo a burocracia existente.
- O governo deve aproveitar o seu grande poder de compra (licitações), e incentivar o nascimento e fortalecimento de novas empresas;
- O governo também deve utilizar da mídia para disseminar o apoio ao empreendedorismo
- O ministério da educação deve mudar a metodologia de ensino existente nos postos de ensino, transformando o empreendedorismo em uma matéria essencial para todos. Além disso, deve identificar novos talentos e oferecer oportunidades diferenciadas para estes. O ensino a distância também seria outra metodologia viável, tendo em vista seu baixo custo e grande abrangência

Todo esse conjunto de ações públicas articulado com o que já foi feito até agora, irá incentivar e ajudar as pessoas, tanto individualmente como coletivamente a empreender, criando assim mais empregos e postos de trabalho, e conseqüentemente obtendo o desenvolvimento social e econômico que tanto se busca.

Porém, de certa forma, todas as ações e exercício na busca por uma alavancada do empreendedorismo no país, ainda não foram suficientes para que o empreendedor brasileiro possa se sentir motivado e seguro para abrir seu negócio. Os analistas chamam a atenção para o ambiente desfavorável no qual os empreendedores têm de atuar, a falta de acesso ao crédito, a ausência de políticas governamentais e normas sociais que fazem deste um ambiente perverso (SIQUEIRA, 2006).

A falta de políticas públicas para a viabilização de um empreendimento coloca o Brasil entre os países que apresentam o maior número de barreiras para a criação e desenvolvimento deste. Segundo uma pesquisa do Banco Mundial, o Brasil assume a 73ª colocação em um total de 76 países por excesso de burocracia, ficando atrás de seus principais competidores emergentes, como México e China. O país também faz

feito no que diz respeito as facilidades com questões trabalhistas, ficando na 78ª entre 133 países (LANG, 2005).

Segundo as conclusões dos estudos do Banco Mundial, as empresas brasileiras consomem em média 2.600 horas para conseguir pagar as altas cargas tributárias. O estudo também mostrou que o empreendedor brasileiro já começa pagando impostos, antes mesmo de fazer qualquer negócio. E necessita de 152 dias para poder abrir sua empresa, uma exageração se comparado com outros países como Austrália (2 dias) e Estados Unidos (4 dias).

Como foi dito, um dos principais fatores que motivam o governo a apoiar o empreendedorismo é com base no conhecimento de que se este for devidamente sustentado, o país pode obter um desenvolvimento econômico e social mais acelerado. A lógica é simples, segundo Tokars (2007), o desenvolvimento da economia leva à geração de empregos, cuja consequência é o salário pago, que no caso possibilita o consumo por parte dos trabalhadores. Este consumo aumenta o faturamento das empresas, levando ao desenvolvimento econômico, que, em tese, deveria gerar maior número de empregos. Este esquema é conhecido com “círculo virtuoso” (TOKARS, 2007).

Sendo assim, para que o desenvolvimento esperado flua da forma esperada, o governo deve-se ater mais as políticas governamentais e as linhas de crédito. Como toda atividade empresarial tem consigo um risco, se a proteção ao empreendedor não for devidamente construída, e este achar que o risco está acima do considerável, ele deixará de criar empresas, dificultando assim a criação de novos postos de trabalho e conseqüentemente, travando o desenvolvimento socioeconômico.

3.2 Análise GEM

A GEM - *Global Entrepreneurship Monitor* é uma pesquisa internacional, considerada a maior do mundo no que se refere a empreendedorismo, coordenada pela *London Business School* e pelo *Babson College* dos Estados Unidos. Ela vem avaliando o empreendedorismo em países de todos os continentes, buscando indicadores comparáveis entre eles. No Brasil esta pesquisa é realizada desde 2000 e

conta com o apoio do SEBRAE e do IBQP (Instituto brasileiro de Qualidade e Produtividade).

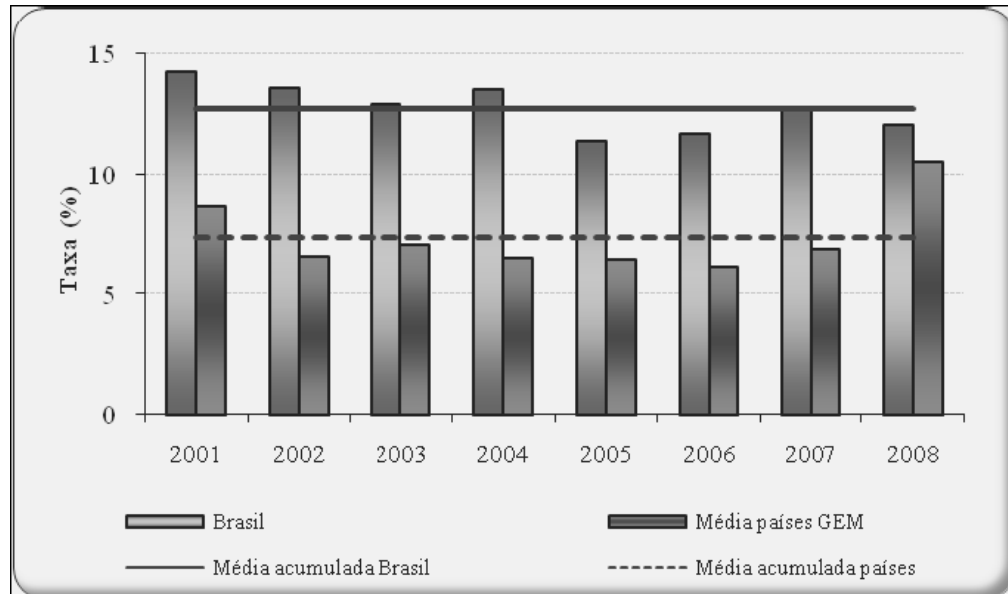
Neste mesmo ano o Brasil entrou na pesquisa com grande destaque, ocupando o primeiro lugar entre 21 países. A partir daí o país não conseguiu mais despontar no primeiro lugar, porém continuou obtendo posição de destaque no *ranking* (Quadro 2) se estabelecendo sempre entre os dez primeiros. Foi apenas no ano de 2008 que o Brasil ficou fora do *top 10*, ficando com a 13ª colocação.

QUADRO 3 Posição do Brasil no GEM de 2000 a 2008

ANO	COLOCAÇÃO - BRASIL
2000	1ª
2001	5ª
2002	7ª
2003	6ª
2004	7ª
2005	7ª
2006	10ª
2007	9ª
2008	13ª

Fonte: Relatório GEM 2000/2008

Esse nível de empreendedorismo é medido pelos pesquisadores da GEM com base na TEA – Taxa de empreendedores iniciais. Esta é definida segundo Siqueira (2006) como a porcentagem de força de trabalho que iniciou um empreendimento nos últimos 42 meses (três anos e meio), período considerado parâmetro de sobrevivência de um negócio. O gráfico 1 mostra a evolução da taxa de empreendedores iniciais (TEA) brasileira em comparação com a média dos países participantes do GEM de 2001 a 2008.

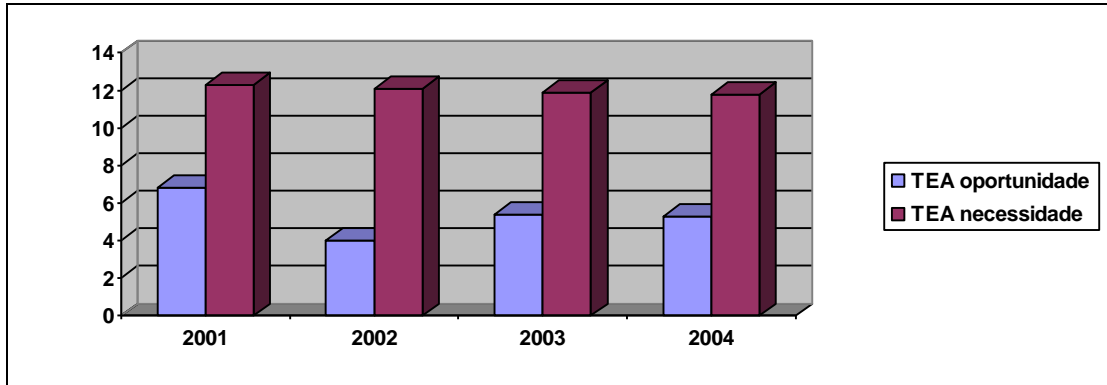
Gráfico 1 Evolução da TEA

Fonte: Pesquisa GEM 2001 a 2008

Estes dados mostram que o Brasil continua mantendo uma média de TEA, de 12,72%, superior a dos países observados pela GEM, que é de 7,35%. Isto reforça que o país tem uma alta capacidade empreendedora. Porém, o estudo considera que esta posição de alta taxa de TEA não é um bom sinal de desempenho sócio-econômico, pelo contrário, está atribuída a uma falta de opções para geração de renda.

Por este motivo, os pesquisadores da GEM classificam a TEA em duas vertentes que sinalizam a real motivação do empreendedor, em por necessidade e por oportunidade. Este primeiro é utilizado quando o indivíduo cria o seu próprio negócio por não ter outra alternativa de renda (SEBRAE). Quando isso ocorre, geralmente eles recorrem ao negócio informal. O que acaba por se tornar um grande problema social, pois como são em sua maioria empreendimentos simples, geralmente não contribuem com impostos e taxas, apenas fazem as estatísticas empreendedoras dispararem. Já o empreendedor por oportunidade é aquele que percebe uma oportunidade ou até um nicho de mercado para poder investir e abrir seu empreendimento (MOEMA, 2005).

Gráfico 2 Taxa de empreendedorismo por oportunidade e por necessidade – 2001/2004



Fonte: Pesquisa GEM 2004

Outro dado que pode ser relacionado ao alto número de empreendedores por necessidade é que o estudo também mostrou que 80% dos empreendedores brasileiros têm uma renda familiar menor de que seis salários mínimos (MOEMA, 2006). O que pode explicar também a alta mortalidade das pequenas empresas no Brasil, pois por não terem poder aquisitivo, estes acabam por não investir no próprio negócio e ficam sem capital de giro - segundo maior fator de mortalidade das micro e pequenas empresas - (SEBRAE, 2003).

Ainda, de acordo com a pesquisa, o Brasil tem 99% de suas 17 milhões de empresas, caracterizadas como micro ou pequenas, e que empregam 35 milhões de trabalhadores (GEM, 2005). Porém, segundo dados do SEBRAE (2004), 60% das empresas fecham as portas depois de três anos de vida. Se analisados, os dados da GEM e do SEBRAE apontam para a criação de um novo perfil de profissional, já que o empreendedorismo passou a ser agora uma opção de carreiras, e não só mais um comportamento. Isso se deu principalmente pela redução dos postos de trabalho formal no Brasil.

3.3 Pedagogia empreendedora

Com a grande importância que o empreendedorismo passou a exercer sobre a economia e sobre a própria sociedade, sendo considerada agora uma opção de carreira, uma reestruturação no sistema de ensino do empreendedorismo aparece como uma boa estratégia para se colher bons frutos no futuro.

A grande questão que divide os estudiosos é se o empreendedorismo pode realmente ser ensinado. Peter Drucker (1974) colocou que o empreendedorismo era algo prático, e não uma ciência a ser estudada.

“O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje serem capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente” [...] “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática.” (DRUCKER; 1974; p. 13)

Dessa forma, como ensinar para os jovens de hoje os princípios do empreendedorismo, tomando como base que o comportamento do empreendedor é o que faz a diferença? (DRUCKER, 1987).

Álvaro Mello (2004) coloca que o empreendedorismo pode sim ser ensinado, tendo em vista diversas instituições de ensino que já tem esse tema incluso no seu currículo. Porém, Mello assevera que isso não é garantia de que esses jovens irão se destacar dentro do mercado de empreendedores.

De acordo com as conclusões do Fórum de Educação Empreendedora do Conselho Regional de Administração de São Paulo (2005) o modelo de educação das universidades brasileiras não está coexistindo com a realidade, onde a sua forma de atuação não esta coexistindo corretamente com a realidade e necessidades do seu ambiente (FORUM...,2005).

Ainda que o fenômeno do empreendedorismo seja antigo, a relevância no âmbito acadêmico ainda é recente. Segundo Dolabela (1999), a primeira instituição de ensino que se tenha notícia de ter inserido o empreendedorismo em suas disciplinas, foi a Escola Superior de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, pelo professor Ronald Degen.

Dolabela (2008. p.1) acompanha a teoria de Drucker (1974) e coloca que a introdução do empreendedorismo no nosso sistema de ensino seria “uma quebra de paradigmas [...] uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser.” Ou seja, o que antes era somente ensinado na forma de conhecimento, agora vai dividir espaço com elementos como comportamento, emoção e atitude.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O reconhecimento da importância do empreendedorismo para a sociedade e principalmente para o país é recente. Desde o início do ano 2000 o empreendedor, considerado pela teoria econômica clássica como uma “força externa” e principal ator do desenvolvimento econômico (DRUCKER, 1987), começou a ganhar um cenário mais favorável no Brasil.

Com uma globalização acelerada na última década, o desafio dos países na busca por um desenvolvimento sustentável impõe aos governos uma busca por uma maior produtividade, inovação e geração de empregos. Neste quadro, o empreendedor aparece como herói popular no mundo dos negócios, onde, segundo Dornelas (2006) estes aparecem como fornecedores de empregos, inovações e desenvolvimento econômico.

Em um país como o Brasil, que apresenta dois milhões de desempregados (IBGE, 2009), um alto índice de pobreza e analfabetismo (IPEA, 2007) e onde as pequenas empresas empregam 45% de todos os trabalhadores (SEBRAE, 2004), seria de se esperar que o nível de empreendedorismo fosse baixo. Porém o que foi visto nos estudos realizados pela GEM foi um país que mesmo apresentando todas as dificuldades econômicas e sociais, apresenta um dos maiores índices de empreendedorismo do mundo, estando entre os dez primeiros até o ano de 2008. Neste cenário, o empreendedorismo deve ser elevado ao nível de importante força econômica e social, devendo receber todo o apoio e suporte necessário por parte do governo.

Por este motivo, o Governo tem realizado diversas ações voltadas para o apoio ao empreendedorismo no país. Criou importantes órgãos de apoio ao empreendedor, como é o caso do SEBRAE, disponibilizou grandes quantidades de verbas para este fim, além de inúmeras outras ações. Diferente destas ações de curto prazo, mas não menos importante, a pedagogia empreendedora vem se mostrando como uma boa alternativa de apoio ao empreendedorismo a longo prazo. Isso porque, como foi visto o ensino do empreendedorismo já vem sendo implantado em diversos centros de ensino do país, e é daí que sairão os futuros empresários e empreendedores do país, e estes

entendendo todo o cenário empreendedor no país, terão mais facilidade e até coragem na abertura de seus negócios.

Porém, o país ainda peca bastante no que diz respeito a políticas públicas e disponibilização de crédito. É importante que o governo elabore políticas mais coerentes com a realidade do empreendedor brasileiro, pois um país que apresenta tantos problemas econômicos e um alto nível de desemprego como é o caso do Brasil, não pode se dar o luxo de cobrar juros tão altos sobre o crédito e burocratizar tanto o processo de abertura de uma empresa.

Como foi visto no conceito de Hisrich (2004), o empreendedor é aquele que assume os riscos e as recompensas no processo de criação de algo novo. Porém com este cenário em que estão inseridos, serão muitos os empreendedores que deixarão de se arriscar, seja pelo fato de achar o risco intolerável, ou pelo fato de não terem o crédito aceito.

Por este motivo, aparece no panorama brasileiro a figura do empreendedor por necessidade, onde este é maioria no quadro do empreendedorismo no Brasil, atingindo números muito maiores que os empreendedores por oportunidade. Sobretudo, o empreendedor por necessidade não gera renda nem desenvolvimento para o país, pois estes estão ali pelo fato de não terem outra alternativa de renda, estão ali pela simples necessidade de geração de riqueza. Mas não é nestes que o governo deve focar suas ações, e sim nos empreendedores por oportunidade, onde estes sim irão alavancar um desenvolvimento sustentável para o país.

5 CONCLUSÃO

A elaboração desta monografia permitiu perceber que o empreendedorismo é hoje um tema que recebe muita atenção por diversas partes da sociedade e principalmente do governo. É grande o número de pesquisas e estudos que têm sido realizados a respeito deste fenômeno no mundo todo. O empreendedorismo a partir dos anos 60 deixou de ser visto apenas pelo enfoque econômico e passou a receber a receber influência das ciências sociais como a sociologia, a psicologia e a antropologia, o que têm contribuído para a compreensão do empreendedorismo. (DOLABELA, 2003).

Ao mesmo tempo em que este fenômeno ganha interesse e a atenção de governos do mundo todo – principalmente por estar diretamente relacionado com o desenvolvimento econômico e social – uma definição concisa e internacionalmente aceita ainda não foi desenvolvida. A principal causa para tal é a grande miscelânea de bagagens teóricas, cada qual com seus paradigmas e conteúdos, não poderia produzir senão visões diferenciadas sobre o tema, o que contribui para sua diversidade e enriquecimento.

Trazendo como base o primeiro objetivo específico - apresentando toda a teoria de empreendedorismo – buscou se nesta pesquisa analisar a situação do empreendedorismo no Brasil na última década, respondendo qual a atual situação do empreendedorismo no Brasil, analisando as possibilidades, problemas e os desafios.

Desta maneira pôde-se constatar que o Brasil não apresenta um cenário muito adequado ao empreendedor, onde ainda burocratiza muito o processo de abertura de novas empresas, não apresenta políticas públicas coesas com a realidade do empreendedor brasileiro, além da falta de disponibilização do crédito. Contudo, segundo a análise sobre os relatórios da GEM, o Brasil se figurou entre os dez países com maior empreendedorismo no mundo nos últimos nove anos de pesquisa, ficando fora deste grupo apenas no ano de 2008. No entanto, deve ser visto que, essa alta taxa de TEA não é um sinal de bom desenvolvimento econômico e social, onde é visto que a maioria destes são empreendedores por necessidade, ou seja, estão empreendendo por não terem outra forma de geração de renda.

Por outro lado, o país está desenvolvendo significantes programas, que vem desde o governo Fernando Henrique Cardoso, no qual está criando diversas oportunidades para os que pretendem empreender, desde leis que viabilizem uma maior disponibilização do crédito pessoal, políticas menos burocráticas para a abertura de empresas, grandes quantidades de verbas destinadas para este fim, além da criação de diversos órgãos de incentivo ao empreendedor.

Por fim, é neste contexto que se deve avaliar que o Brasil ainda que apresente um quadro econômico e social debilitado, tem um nível de empreendedorismo alto, não interessando a motivação. E desta forma, não se pode dizer que o governo não está tomando providências para um melhor encaminhamento desta questão, haja vista que está criando diversas oportunidades para o empreendedor nos últimos anos.

No interesse por identificar o perfil dos empreendedores, foi visto que vários estudos e pesquisas têm sido realizados na busca por uma definição do perfil do empreendedor. Porém, ainda não foi possível definir cientificamente um perfil com características definidas, mesmo que a maioria das teorias tenda mais para o empreendedor que é inovador, disposto a assumir riscos e com um alto desejo de auto-realização.

O objetivo de análise da pedagogia empreendedora no Brasil mostrou que diversas instituições de ensino no país já estão utilizando o empreendedorismo em seu leito de ensino. Sobretudo, ainda muito se é questionado se o empreendedorismo realmente pode ser ensinado, já que este é considerado um comportamento. Mas em um país como o Brasil que apresenta um alto nível de espírito empreendedor, esta cultura deve ser trabalhada desde cedo para que gere bons frutos para o país.

A pesquisa teve como principal limitação a não utilização do método quantitativo, o que fez com que o estudo fosse inteiramente realizado por trabalho bibliográfico e pesquisa documental. Pelo máximo de páginas aceito pela instituição, diversas áreas não puderam ter o devido enfoque e podem vir a ser exploradas por estudos futuros, como é o caso do empreendedorismo corporativo, do enfoque comportamentalista e a relação do empreendedorismo com o desenvolvimento econômico dos países.

Esta monografia tem relevância para todos os que se interessam pelo empreendedorismo e sua importância para o país, a todos os pequenos empresários e

empreendedores, levando em conta os cuidados que se deve tomar. Com o crescente interesse que vem sendo visto sobre o assunto, esta pode vir a ter maior relevância no futuro, já que ainda hoje é pequeno o número de pesquisas realizadas neste campo acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. Antonio de; PEREIRA, Cláudia M. M. de Araújo; **Empreendedorismo e Crescimento Econômico**: uma Análise Empírica; *Revista de Administração e Contabilidade*; Curitiba; v. 12; n. 4; p. 975-993; 2008
- BOM ANGELO, Eduardo; **Empreendedor Cooperativo**: A nova postura de quem faz a diferença; Rio de Janeiro, Campus, 2003
- BUENO, Francisco da S.; **Minidicionário da Língua Portuguesa**; Ed. FTD; São Paulo, 1996.
- CHIAVENTATO, Idalberto; **Empreendedorismo**: Dando asas ao Espírito empreendedor; 2. Ed.; São Paulo; Saraiva, 2008.
- DOLABELA, Fernando; **Pedagogia Empreendedora**; São Paulo; Ed. De Cultura; 2003.
- DORNELAS, José Carlos Assis; **Empreendedorismo Cooperativo**: Como ser empreendedor; Rio de Janeiro; Elsevier, 2003.
- DORNELAS, Jose Carlos Assis; **Transformando Idéias em Negócios**; 2. Ed; Rio de Janeiro; Elsevier, 2005.
- FISCHER, Augusto; NODARI, Tânia M. dos Santos; FEGER, José Elmar; **Empreendedorismo**: algumas reflexões quanto às características; *Revista de Administração, Contabilidade e Economia*; v.7; n.1; p. 39-52; 2008.
- GLOBAL Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Nacional – 2000.
- GLOBAL Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Nacional – 2002.
- GLOBAL Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Nacional – 2004.
- GLOBAL Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Nacional – 2005.
- GLOBAL Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Nacional – 2006.
- HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; **Empreendedorismo**; 5. ed; Porto Alegre; Bookman, 2004.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru; **Administração Para Empreendedores:** Fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

O Futuro da Indústria: empreendedorismo: coletânea de artigos; Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio exterior, Instituto Euvaldo Lodi; Brasília, 2005.

SIQUEIRA, Moema M. de; GUIMARÃES, Liliane de Oliveria; **Singularidades do empreendedorismo brasileiro:** subsídios para políticas públicas de apoio aos novos negócios; *Revista de Gestão e Tecnologia*; v.7; n.2; 2006.

TOKARS, Fábio; **O direito empresarial brasileiro e sua função de (des)estímulo ao empreendedorismo.** *Revista de Direito Público da Economia*; Belo Horizonte, ano 5, n. 19, p. 29-66.